



RELISE

O RESGATE DE MARIAS: A IDENTIDADE FERIDA DE MULHERES E O EMPREENDEDORISMO COMO ALTERNATIVA PARA ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA¹

*THE RESCUE OF MARIAS: THE WOUNDED IDENTITY OF WOMEN AND
ENTREPRENEURSHIP AS AN ALTERNATIVE TO COPE WITH DOMESTIC
VIOLENCE*

Victor Rodrigo Amara²

Jane Mendes Ferreira Fernandes³

RESUMO

Neste artigo investiga-se como a violência doméstica afeta a identidade empreendedora de mulheres em situação de vulnerabilidade, adotando uma abordagem qualitativa. As participantes, atendidas pela Patrulha Maria da Penha, em Curitiba e Região Metropolitana, foram entrevistadas para explorar suas percepções sobre a violência e a possibilidade de se tornarem empreendedoras. A pesquisa qualitativa permitiu captar os sentidos atribuídos pelas participantes às suas experiências e à autonomia financeira. Os principais resultados indicam que as mulheres financeiramente dependentes permanecem mais tempo em relações abusivas, enquanto aquelas com experiência empreendedora conseguem romper com o ciclo de violência mais rapidamente. O empreendedorismo é visto como uma alternativa viável para a autonomia financeira e emocional, mas as participantes enfrentam desafios como falta de apoio familiar e acesso a recursos financeiros. A pesquisa também revelou que a maternidade desempenha um papel central na construção da identidade das mulheres, influenciando suas decisões. A análise sugere que, além de ensinar habilidades técnicas, seria promover o fortalecimento da autoestima e autoconfiança para que o empreendedorismo possa ser uma ferramenta eficaz na ruptura do ciclo de violência. As mulheres entrevistadas que já tinham empreendido demonstraram maior facilidade em visualizar um futuro independente, enquanto aquelas sem experiência expressaram maior insegurança. O estudo é relevante e atual e coaduna-se com as preocupações das Nações Unidas, especialmente em relação às ODS 5. Essa meta reconhece

¹ Recebido em 30/09/2024. Aprovado em 19/10/2024. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.14293168

² Polícia Militar do Paraná/Universidade Federal do Paraná. victorrodrigo1987@yahoo.com.br

³ Universidade Federal do Paraná. janemff@yahoo.com.br



RELISE

16

que a violência contra mulheres e meninas é uma violação grave dos direitos humanos e um obstáculo significativo para o desenvolvimento sustentável, exigindo ações integradas e efetivas de prevenção e resposta

Palavras-chave: identidade empreendedora, violência doméstica, empreendedorismo feminino.

ABSTRACT

In this article, it is investigated how domestic violence affects the entrepreneurial identity of women in situations of vulnerability, adopting a qualitative approach. The participants, served by Patrulha Maria da Penha, in Curitiba and the Metropolitan Region, were interviewed to explore their perceptions about violence and the possibility of becoming entrepreneurs. Qualitative research made it possible to capture the meanings attributed by participants to their experiences and financial autonomy. The main results indicate that financially dependent women remain in abusive relationships longer, while those with entrepreneurial experience are able to break the cycle of violence more quickly. Entrepreneurship is seen as a viable alternative for financial and emotional autonomy, but participants face challenges such as lack of family support and access to financial resources. The research also revealed that motherhood plays a central role in the construction of women's identities, influencing their decisions. The analysis suggests that, in addition to teaching technical skills, it is essential to promote the strengthening of self-esteem and self-confidence so that entrepreneurship can be an effective tool in breaking the cycle of violence. The women interviewed who had already started a business demonstrated greater ease in envisioning an independent future, while those without experience expressed greater insecurity. The study is relevant and contemporary, aligning with the concerns of the United Nations, particularly regarding SDG 5. This goal recognizes that violence against women and girls is a severe violation of human rights and a significant obstacle to sustainable development, requiring integrated and effective actions for prevention and response.

Keywords: entrepreneurial identity, domestic violence, female entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra a mulher (VDCM) pode ser entendida como uma violação dos direitos humanos (Pasinato, 2015) e tem origem nas relações de poder desiguais que são prevalentes na sociedade. Ela pode se manifestar como constrangimento, coação e impedimento por meio do uso da força



RELISE

resultando em ataques físicos, sexuais, psicológicos, morais e patrimoniais (Stochero & Pinto, 2023; CNJ, 2019; Piosiadlo, Fonseca & Glessner, 2014). O fenômeno também se caracteriza por certo silêncio, já que ocorre na grande maioria das vezes dentro dos próprios lares e em relações familiares e afetivas (Silva, 2007; Alvarez, 2017). Os perpetradores da VDCM são, muitas vezes, qualificados como pessoas de bem, trabalhadores e/ou pais de família, isso acrescenta complexidade aos casos. Eles podem demonstrar comportamento completamente diferentes, não violentos, no ambiente de trabalho e convívio com parentes e vizinhos, o que pode contribuir para fragilizar ou descredibilizar o relato das vítimas (Sanematsu, 2019).

Trata-se de um problema social complexo. Isso porque, além dos impactos negativos sobre a vítima e familiares, a VD afeta também a saúde (Machado, Santos & Gomes, 2023; Aguiar, Schraiber & Pereira, 2023) e a segurança pública (Ferreira & Marcial, 2023; Mattos et al, 2023; Souza, Santana & Martins, 2018; FBSP, 2020), pressiona o judiciário (CNJ, 2019; Pasinato, 2015) e gera perdas econômicas (Ouedraogo & Stenzel, 2021; Monn, Terra & Travassos, 2023). A VD não possui fronteiras, nem acontece exclusivamente com determinado tipo de mulher. Isso porque ela ocorre em diversos países e com pessoas de todas as classes de renda, crença, raça ou etnia (Mattos et al, 2023). Em virtude de sua complexidade (Andrade & Fonseca, 2008; Pereira & Pereira, 2011; Signorelli, Auad & Pereira, 2013) parece não ser possível apontar uma solução única e fácil que resolva o problema.

Uma das principais discussões sobre a violência doméstica contra a mulher é a razão pela qual muitas permanecem junto ao agressor, mesmo após diversos episódios de agressão. Dados da PMPR (2021) mostram que a dependência financeira é frequentemente relatada pelas mulheres como um dos motivos que as leva a continuar na relação abusiva. Bueno (2021) também apontou que, durante a pandemia de COVID-19, a dificuldade de garantir



RELISE

autonomia financeira foi o principal fator de vulnerabilidade relatado pelas mulheres. No entanto, nesta produção acadêmica, argumenta-se que a dependência financeira não é a causa primária da permanência no ciclo de violência, mas uma consequência da VDCM. Isso ocorre porque a violência afeta a identidade das vítimas, fazendo com que elas se sintam incapazes de realizar atividades laborais ou empreendedoras para gerar sua própria renda. Esse enfraquecimento da identidade contribui para a dificuldade em romper o ciclo de violência, perpetuando a situação de vulnerabilidade.

Portanto, justifica-se o objetivo do artigo em analisar a identidade empreendedora de mulheres vítimas de violência doméstica. A identidade pode ser estudada por diversos prismas, e um deles se baseia no Interacionismo Simbólico (IS). Neste caso, a teoria escolhida encontra respaldo no fato de que a violência doméstica (VD) se apresenta em relações assimétricas de poder, e o IS pode contribuir para a compreensão de como as mulheres em situação de violência significam e interpretam o papel que desempenham socialmente, e como isso se revela na construção da própria identidade. Ao desempenhar uma atividade em que ela esteja em situação de protagonismo (como empreendedora), poderia haver uma ressignificação do seu papel social e da sua identidade.

Enquanto a identidade é constituída a partir da interação social, ela também possui um componente individual que engloba como a mulher percebe e pensa a própria identidade, ou seja, o caráter interpretativo dado ao que ela é. (Ferreira, 2012).

Para alcançar o objetivo desta produção, as próximas etapas estão constituídas de referencial teórico, procedimentos metodológicos, análise e interpretação dos dados e conclusão.



RELISE

19

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial tem o objetivo de sustentar o problema de pesquisa e guiar os procedimentos metodológicos e, ao mesmo tempo, mostrar o caminho argumentativo que sustenta as ideias defendidas.

Violência doméstica

A violência de gênero, especialmente a violência doméstica contra as mulheres (VDCM), é um problema sistêmico e historicamente enraizado nas desigualdades de poder entre os gêneros. No Brasil, essa questão é ainda mais grave porque as estatísticas mostram altas taxas de feminicídios e agressões que afetam mulheres de todas as classes sociais e faixas etárias (Meneghel et al., 2013). A Lei Maria da Penha (Lei n.º 11.340, Brasil, 2006) trouxe avanços no combate à VDCM, oferecendo mecanismos de proteção às vítimas, como medidas protetivas de urgência, além de punições mais severas aos agressores. No entanto, a implementação efetiva da lei enfrenta obstáculos práticos, com limitações em termos de proteção das vítimas e reincidência dos casos de violência.

Um dos desafios é a própria invisibilidade social da violência doméstica, que ocorre dentro dos lares e é muitas vezes silenciada pelas próprias vítimas devido à dependência emocional, psicológica ou financeira que elas possuem em relação ao agressor (Andrade & Fonseca, 2008). A relação assimétrica de poder nessas dinâmicas se reflete no controle que o agressor exerce sobre diversos aspectos da vida da vítima, desde as decisões cotidianas até a sua autonomia financeira (Sanematsu, 2019).

A dependência financeira surge na literatura como um dos principais fatores que mantêm mulheres presas em relações abusivas. Muitas vítimas continuam em relacionamentos violentos devido à ausência de recursos para sustentar a si mesmas e aos seus filhos (Signorelli, Auad & Pereira, 2013). Essa



RELISE

dependência reflete não apenas a falta de renda, mas também evidencia a falta de oportunidades para desenvolvimento profissional, formação educacional e, conseqüentemente, para a construção de uma identidade autônoma.

Pereira e Pereira (2011) afirmam que a violência patrimonial, embora menos discutida que a física ou psicológica, é uma das formas mais insidiosas de controle, impedindo que a mulher tenha acesso a seus próprios recursos ou desenvolva capacidade de gerar renda. Em muitos casos, o agressor controla diretamente o dinheiro da vítima, dificultando qualquer tentativa de emancipação financeira.

Dentro desse contexto, o empreendedorismo surge como uma alternativa para a libertação financeira e o empoderamento de mulheres em situação de violência doméstica. O ensino pode transformar realidades (Freire, 1996) e, especificamente no caso do ensino do empreendedorismo, contribuir para romper o ciclo de violência enfrentado por essas mulheres. Programas de empreendedorismo podem desempenhar um papel relevante no combate à violência doméstica ao fornecer as ferramentas necessárias para que elas desenvolvam suas próprias fontes de renda, o que pode resultar em independência financeira. No entanto, é importante reconhecer que, conforme sugerido pela ideia de que a violência prejudica a autoestima e a autoconfiança das mulheres, o ensino de empreendedorismo precisa ir além das técnicas de gestão ou da detecção de oportunidades de negócios. Ele deve fornecer uma nova perspectiva sobre o papel social dessas mulheres, permitindo que elas reconstruam sua identidade como profissionais competentes, e não apenas como vítimas. O empreendedorismo tem o potencial de reverter a degradação da autoestima e proporcionar um sentido de agência, transformando a percepção que essas mulheres têm de si mesmas e de suas capacidades.

A relação entre empreendedorismo e identidade



RELISE

21

Neste artigo, parte-se do pressuposto de que a identidade da mulher em situações de violência é afetada pela desvalorização e opressão impostas pelo agressor. O Interacionismo Simbólico (Blumer, 1969) oferece um quadro teórico adequado para entender como essas mulheres constroem e ressignificam suas identidades ao longo do tempo. Essa teoria sugere que a identidade é moldada pelas interações sociais e pelo sentido que as pessoas atribuem a essas interações. No caso das mulheres em situação de violência, as interações com o agressor, caracterizadas por opressão e desvalorização, acabam por minar sua autoestima e percepção de si mesmas. No entanto, o Interacionismo Simbólico também indica que, através de novas interações sociais e mudanças nas circunstâncias, essas mulheres têm a capacidade de ressignificar suas identidades dando novos sentidos às situações vividas.

Nesse sentido, o desenvolvimento de uma identidade empreendedora pode ser uma oportunidade para que essas mulheres se vejam como protagonistas de suas próprias vidas, capazes de gerar renda e tomar decisões de maneira autônoma. Ao reconhecerem-se como agentes de transformação em suas realidades, as mulheres podem romper com o ciclo de dependência e vulnerabilidade, reconstruindo sua autoestima e autossuficiência.

Resumindo, a identidade, entendida como a forma pela qual a mulher se percebe em relação ao mundo, é impactada pela violência. A construção de uma nova identidade, orientada pela perspectiva do empreendedorismo, pode representar uma ruptura com o ciclo de vitimização, transformando um papel passivo em uma postura ativa e autossuficiente (Ferreira, 2012). Ao adquirir a capacidade de gerar sua própria renda e sustentar sua família, a mulher começa a se reconhecer de forma diferente, percebendo-se como uma pessoa competente e digna, para além do papel de vítima

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



RELISE

22

Em consonância com a ideia de que o empreendedorismo pode auxiliar na luta contra os efeitos da VDCM ao eliminar ou diminuir os efeitos da dependência financeira, mas que, para isso, deve ser planejado considerando questões identitárias, na presente pesquisa, o desenho da pesquisa foi feito considerando a abordagem qualitativa para explorar como a violência doméstica afeta a identidade empreendedora de mulheres em situação de vulnerabilidade.

Desenho da pesquisa

A pesquisa qualitativa escolhida permite captar os sentidos atribuídos pelas mulheres participantes às suas experiências de violência e à possibilidade de se verem como empreendedoras. As mulheres foram entrevistadas e o roteiro sustentado pela literatura sobre identidade aliada a questões sobre percepção acerca das possibilidades de ser empreendedora.

Seleção das participantes

A seleção das participantes foi intencional, focando em mulheres atendidas pela Patrulha Maria da Penha, da Polícia Militar do Paraná, que manifestaram interesse em participar da pesquisa e estavam em situação de violência doméstica. Inicialmente, doze mulheres foram convidadas, das quais oito efetivamente participaram. Para garantir a voluntariedade e a ética na pesquisa, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando que as participantes pudessem optar por não participar a qualquer momento, entre outros cuidados.

Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas entre fevereiro e março de 2023. As entrevistas foram conduzidas por duas mulheres, ambas mestrandas, sendo uma graduada em psicologia e a



RELISE

23

outra em comunicação social. Essa escolha buscou evitar desconforto das entrevistadas e garantir uma abordagem empática e sigilosa durante o processo. Nenhuma das perguntas do roteiro de entrevista abordou diretamente o tema violência doméstica. Entretanto percebeu-se que no relato das mulheres o fenômeno apareceu espontaneamente em vários momentos, mostrando que ele foi marcante para a história de vida de cada uma e para a constituição da própria identidade e para o caráter subjetivo com que se percebem no mundo. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente revisadas. As perguntas estavam estruturadas em quatro grandes áreas: dados sociodemográficos, história de vida, autodefinição, percepção sobre empreendedorismo.

Análise dos dados

A análise dos dados foi feita buscando as percepções das participantes acerca das suas experiências e sobre o potencial de transformação do empreendedorismo. Isso para que se possa entender a relação entre violência, dependência financeira e o potencial empreendedor das participantes. As respostas foram agrupadas conforme semelhanças e diferenças, permitindo uma leitura crítica e interpretativa dos fenômenos estudados.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados desta pesquisa foi realizada a partir das entrevistas conduzidas com mulheres em situação de violência doméstica atendidas pela Patrulha Maria da Penha, em Curitiba e Região Metropolitana. As entrevistas foram transcritas e os dados agrupados em categorias, permitindo identificar padrões e nuances nas respostas das participantes.



RELISE

24

Caracterização das respondentes

O grupo de participantes era composto por oito mulheres, sendo que seis tinham idades entre 30 e 39 anos e duas estavam entre 56 e 58 anos. As participantes residiam em diferentes cidades da Região Metropolitana de Curitiba, incluindo São José dos Pinhais, Piraquara e Pinhais. Em termos de estado civil, quatro mulheres estavam separadas legalmente ou fisicamente de seus agressores, enquanto duas mantinham novos relacionamentos estáveis, e duas eram viúvas. Essas informações foram importantes para entender as dinâmicas familiares e emocionais que poderiam influenciar a dependência financeira das participantes e sua capacidade de romper com o ciclo de violência.

Um aspecto relevante identificado foi o tempo de permanência em relacionamentos abusivos. Seis das mulheres relataram ter permanecido em relacionamentos violentos por períodos entre 11 e 22 anos. As duas com menor tempo de relação, 8 meses e 5 anos, eram aquelas que já haviam tido alguma experiência como empreendedoras. Este dado aponta uma possível correlação entre o empreendedorismo e a capacidade de sair de relações abusivas. Contudo, esta observação ainda requer mais estudos para ser generalizada, mas sugere uma linha de investigação sobre como o empreendedorismo pode funcionar como um fator de empoderamento e autonomia para as mulheres em situação de violência.

As histórias das Marias

Os nomes das respondentes foram suprimidos e substituídos por nomes que, de alguma forma, refletiam a sua identidade naquele momento. Os extratos de fala permitiram mostrar uma parte de suas histórias e como a violência se torna um aspecto central na formação de quem elas são. O grupo de mulheres que participaram da pesquisa foi dividido em dois: o primeiro composto por aquelas que eram financeiramente dependentes (Maria das Dores, Maria



RELISE

25

Esperança, Maria do Céu e Maria do Socorro) de seus agressores, e o segundo por mulheres que já eram financeiramente independentes (Maria Vitória, Maria Amélia, Maria Francisca, e Maria Valentina).

Maria das Dores

Maria das Dores, com 30 anos, vivenciou intensa violência física e emocional. Seu nome foi escolhido por causa das dores que sofreu em uma relação abusiva. Ela é mãe de duas filhas e relatou que, por falta de apoio familiar, voltou várias vezes ao relacionamento violento. Uma das agressões mais marcantes foi quando seu parceiro a agrediu na frente da filha mais velha, deixando-a traumatizada. Maria se define como "guerreira", destacando a luta constante para proteger suas filhas e criar um futuro melhor para elas. Ela sonha em abrir um salão de beleza, mas sente que a violência a fez desacreditar em seu potencial empreendedor.

Maria Esperança

Maria Esperança teve seu nome escolhido ao se refletir sobre a sua característica mais marcante: ser esperançosa; tem 38 anos e viveu 17 anos em um casamento abusivo. Neste período, ela perdeu seu emprego devido às ameaças do ex-marido. Hoje, trabalha de forma autônoma e se define como guerreira por ter superado momentos de desespero, inclusive uma tentativa de suicídio. Ela sonha em ajudar outras mulheres com sua história de superação e acredita que o apoio de seu atual companheiro seria fundamental para abrir um negócio, como uma loja de roupas.

Maria do Céu

Maria do Céu, 56 anos, é uma mulher marcada pela fé e gratidão. Sobreviveu a uma relação extremamente dolorosa, da qual mal consegue falar.



RELISE

26

Apesar das dificuldades, ela se mantém resiliente, atribuindo sua sobrevivência à fé em Deus. Ela tentou empreender na área rural, criando animais, mas enfrentou muitos obstáculos. Não tem clareza sobre o que é ser empreendedora, mas sonha com um futuro mais estável e pacífico.

Maria do Socorro

Maria do Socorro, 34 anos, viveu uma relação marcada pela violência psicológica e física. Seu nome foi escolhido em referência ao "socorro" que pediu para sair da relação. Atualmente, ela enfrenta dificuldades em se reconhecer, sentindo-se perdida após a prisão do agressor. Apesar de se sentir insegura, ela tem o desejo de ser independente financeiramente e criar um ambiente seguro para seus filhos, mas ainda luta para superar o trauma recente.

Maria Vitória

Maria Vitória, 39 anos, escolheu a carreira militar motivada pela violência que sua mãe sofreu. Apesar de ter sido vítima de violência doméstica, hoje ela é funcionária pública e empreendedora, com dois negócios em andamento. Ela se define como "ligada no 220" e destaca a força e resiliência que a ajudaram a superar um passado difícil. Mesmo após sofrer novas agressões, ela se vê como próspera e acredita que conseguirá expandir seus negócios enquanto apoia outras mulheres a escapar de situações de violência.

Maria Amélia

Maria Amélia, 33 anos, é uma profissional da área de educação e inclusão de crianças autistas. Após 10 anos de violência, ela tomou a decisão de romper com o agressor e busca reconstruir sua vida. Formada em Ciências Contábeis e Pedagogia, ela se define como uma mulher batalhadora e resiliente. Maria Amélia planeja abrir um negócio na área de inclusão social, voltado para



RELISE

ajudar outras pessoas, mas enfrenta desafios para equilibrar suas responsabilidades como mãe e profissional.

Maria Francisca

Maria Francisca, 37 anos, é mãe solo e trabalha como assessora parlamentar. Já teve um negócio no ramo de roupas e, em 2023, estudava Direito e estava planejando abrir um escritório de advocacia. Ela se define como determinada e resiliente, apesar de ainda lidar com processos judiciais relacionados à violência que sofreu. Sua experiência de vida a faz querer ajudar outras mães solo a enfrentar desafios legais e financeiros.

Maria Valentina

Maria Valentina, 58 anos, aposentada da carreira militar, se define como uma mulher forte e guerreira. Mesmo enfrentando pressões e violência em seu relacionamento, ela sempre priorizou sua independência financeira. Hoje, sonha em abrir um negócio na área gastronômica e acredita que, com esforço, pode conquistar sucesso em qualquer empreendimento que escolher.

Essas histórias ilustram a diversidade de experiências e as lutas dessas mulheres, ressaltando como a violência impactou suas vidas, mas também como a força e a resiliência as conduziram em direção a sonhos de independência e realização pessoal e como estas experiências conduziram a construções de identidade específicas e únicas.

Identidade das entrevistadas

A análise das respostas evidenciou o papel central da maternidade na construção da identidade das participantes. Em todas as entrevistas, o papel de mãe foi destacado como um dos principais motivos que as mantinham nas relações abusivas por tanto tempo. A maternidade foi vista como uma



RELISE

responsabilidade que, ao mesmo tempo, as impedia de romper com o ciclo de violência, pela dependência emocional e financeira que isso gerava, e que também as motivava a buscar uma alternativa, muitas vezes o empreendedorismo, para assegurar um futuro melhor para seus filhos.

As entrevistas revelaram diferentes níveis de autopercepção das mulheres sobre sua força e capacidade. Algumas demonstraram uma visão clara de que, embora tivessem enfrentado grandes dificuldades, possuíam habilidades e resiliência que poderiam ser aplicadas em iniciativas empreendedoras. Outras, no entanto, relataram dificuldades em se perceber como capazes de transformar suas habilidades em uma fonte de renda sustentável. Este contraste evidencia a importância de intervenções que não apenas ensinem habilidades técnicas, mas também promovam o desenvolvimento da autoestima e da autoconfiança, aspectos essenciais para que essas mulheres possam se tornar independentes financeiramente.

Empreendedorismo como alternativa à violência

Uma das principais categorias de análise foi a relação entre o empreendedorismo e a capacidade das participantes de romper com o ciclo de violência. As respostas indicam que o empreendedorismo é visto como uma possibilidade concreta de independência financeira. As participantes que já tinham experiência como empreendedoras relataram maior facilidade em visualizar um futuro fora das relações abusivas. No entanto, para aquelas com a identidade ferida, trata-se de desafio e a percepção delas é que de que não possuem recursos e apoio para iniciar um negócio, expressando inseguranças em relação à viabilidade de iniciar um negócio próprio.

A análise sugere que o empreendedorismo pode ser uma ferramenta eficaz para a promoção da autonomia dessas mulheres. No entanto, para que seja uma opção viável, é necessário um suporte que vá além do ensino técnico,



RELISE

29

incluindo programas que abordem a autoestima, a capacitação emocional e o acompanhamento contínuo.

Desafios e barreiras

Um dos principais desafios relatados pelas participantes foi a dificuldade de conciliar o cuidado com os filhos e as responsabilidades domésticas com as exigências de um negócio próprio. A falta de uma rede de apoio, seja da família ou da comunidade ou programas governamentais, foi citada como um obstáculo significativo para iniciar e manter um empreendimento. Além disso, as questões financeiras foram outro ponto crítico, com a falta de acesso a crédito e capital inicial sendo mencionada como uma barreira para aquelas que desejavam empreender.

Outro aspecto relevante foi o medo de falhar e a percepção de que o ambiente externo não seria favorável a um empreendimento gerido por uma mulher, especialmente uma mulher que vive ou viveu em uma situação de vulnerabilidade. Este receio revela a importância de programas de capacitação que também incluam o fortalecimento das habilidades emocionais, como a resiliência e a autoconfiança, para superar os desafios do empreendedorismo.

A análise dos dados revelou que o empreendedorismo pode ser uma estratégia para ajudar mulheres em situação de violência doméstica a romperem com o ciclo de dependência. No entanto, para que essa solução seja eficaz, é necessário um suporte que vá além do técnico, incluindo suporte concreto, especialmente no cuidado com os filhos, como acesso à creches e escolas em tempo integral, suporte em programas que possibilitem uma nova construção identitária e, por fim, apoio financeiro. O desenvolvimento da identidade empreendedora e o fortalecimento da autoconfiança são fatores críticos para que essas mulheres possam visualizar um futuro fora da violência e tomar ações concretas para mudar suas vidas.



RELISE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como etapa final deste trabalho, serão retomados neste capítulo os aspectos principais da trajetória de pesquisa, e daquilo que se extraiu da experiência de trabalhar com um tema tão complexo, profundo, e presente na realidade de grande parte das famílias brasileiras. Os objetivos traçados serão revisitados do ponto de vista daquilo que efetivamente foi possível concretizar. Serão suscitadas algumas contribuições teóricas e empíricas, limitações encontradas, e apontadas algumas recomendações para novas pesquisas.

O fato de estudar, refletir e discutir propostas que podem se tornar políticas públicas efetivas para o enfrentamento à violência de gênero é uma ação que se coaduna com os estudos e necessidades sociais mais contemporâneas e uma preocupação de organismos internacionais. Além disso, a própria participação na pesquisa é uma forma de dar voz às mulheres que compartilharam sua dor, fé e esperança.

Pode-se dizer que a realização da presente pesquisa foi emocionante. Isso porque evocou as emoções das entrevistadas, das entrevistadoras e dos pesquisadores ao analisarem os relatos nas gravações. Apareceu o riso, a lágrima, a lágrima contida e o choro. As histórias sensibilizaram e representam a face humana da violência doméstica contra a mulher diante da consideração de ser um problema de saúde, de segurança pública e econômico. Percebeu-se sobretudo que não há condição de paridade nas relações de gênero. A VDCM está imiscuída em muitos lares, destruindo a identidade de mulheres.

Como contribuição deste estudo pode ser destacada a visibilidade para as histórias, que são comuns a milhares de brasileiras. Foi possível, ao contá-las, perceber similaridades e entender mais sobre a identidade e subjetividade da mulher enquanto na situação de vítima de violência doméstica e apontar um caminho para ajudá-las através do empreendedorismo. Além disso, os achados



RELISE

31

são coerentes com estudos que defendem a ideia de que mulheres que dependem financeiramente do agressor têm menor propensão a empreender. Também apareceu em comum com o estudo de Shahriara e Shepherd (2019) o medo do fracasso como fator de diminuição do potencial empreendedor relacionado à dependência financeira.

Algumas das participantes, após deixarem a relação abusiva, conseguiram se perceber positivamente, reconhecendo-se como guerreiras, mulheres fortes e batalhadoras apesar dos abusos pelos quais passaram, mostrando que há possibilidades de ressignificações e recomeços. No entanto, alguns dos relatos mostram como é difícil. Muitas das vezes, elas sequer sabem dizer, por exemplo, quem elas eram, ou por demonstrar sensação de fracasso, do medo, da fraqueza. Estas são as que permanecem com a identidade ferida.

Com isso acredita-se que foi possível analisar os aspectos subjetivos do processo de constituição da identidade de mulheres em situação de violência doméstica. A divisão das entrevistas em dois grupos permitiu constatar que o tempo de permanência na relação abusiva foi maior para as participantes que possuíam dependência financeira em relação ao agressor. Esse achado, entretanto, reflete apenas uma característica do grupo participante da pesquisa, e não de todas as mulheres em situação de violência na região, até mesmo porque nas pesquisas qualitativas a preocupação não está na representatividade estatística, mas na análise aprofundada. Contudo, esse dado pode auxiliar novas pesquisas na construção de um indicador para avaliação da dependência da mulher, seja ela emocional ou financeira, e a capacidade de romper com o ciclo da violência.

Em relação aos sentidos atribuídos à identidade empreendedora e aos papéis desempenhados, percebeu-se o destaque para o *ser mãe*. Principalmente nos relatos das mulheres com dependência financeira, percebeu-se um prejuízo na autoestima da mulher quando o agressor ataca a atuação dela



RELISE

32

nesse papel. Quando havia esse tipo de violência moral e psicológica nas histórias das mulheres com dependência financeira, elas não experimentavam a compensação com reforço positivo em relação aos outros papéis sociais que poderiam exercer caso tivessem uma atividade profissional remunerada, como ocorria nos casos das mulheres independentes financeiramente.

Em relação aos sentidos dados à atividade empreendedora, os resultados mostraram que as mulheres que não dependiam financeiramente, e que já haviam empreendido em algum momento tiveram mais facilidade para se perceber como alguém capaz de abrir um negócio e perceber que tinham características compatíveis com uma mulher empreendedora. Ou seja, se apropriaram daquelas características ou *se identificaram* com elas.

A identidade ferida se evidenciou pelo sentimento de culpa, medo, dependência, insegurança, pelo desgosto da vida (um dos relatos chegou a mencionar tentativa de suicídio), e a sensação de estar sozinha (isolamento, solidão) e não ter força ou coragem. A identidade da mulher foi atingida pela violência fazendo-a duvidar de si própria, da sua força e coragem. Isso afeta a capacidade de se ver capaz de empreender, ou seja, capaz de abrir um negócio e gerar renda. O que mais chamou a atenção foi um dos relatos em que uma das entrevistadas nem sabia dizer quem ela era, um prejuízo claro na percepção da própria identidade, do ser.

Com os resultados da presente pesquisa, é possível afirmar que agressão física é uma face aparente do abuso e da violência. No entanto, existe outro lado que é mais profundo e cujos efeitos têm maior duração - que fere a identidade da mulher - e, com isso, parece haver maior dificuldade para empreender. Esta face também precisa ser mostrada e a ferida precisa ser tratada. As mulheres em situação de violência doméstica devem ser recuperadas em vários aspectos e, no caso específico desta pesquisa, defende-se que a sua identidade deve ser reconstruída em sua percepção de capacidade de gerar



RELISE

renda. Em resumo, se pode dizer que a marca e a dor de um olho roxo passam, mas as consequências para a identidade da mulher são mais duradouras e parecem ferir ainda mais que a violência física. Isso porque ela fica por mais tempo ali, machucando, e colabora com a permanência no ciclo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Janaina Marques, SCHRAIBER, Lilia Blima; PEREIRA, Stephanie. **Atenção primária à saúde e os serviços especializados de atendimento a mulheres em situação de violência: expectativas e desencontros na voz dos profissionais**. Saúde e Sociedade, v. 32, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023220266pt>. Acesso em: 28 fev. 24.

ALVAREZ, Francisco Javier Batiza. **La violencia de pareja: Un enemigo silencioso**. Archivos de Criminología, Seguridad Privada y Criminalística. Año 4, vol. VIII enero-julio 2017/Year 4, vol. VIII January-July 2017. p. 144-151. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5813533>>. Acesso em: 2 mar. 22.

ANDRADE, C. J. M.; FONSECA, R. M. G. S. **Considerações sobre violência doméstica, gênero, e o trabalho das equipes de saúde da família**. Rev Esc Enferm USP, 2008. 42 (3):591-5. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/W8SCzCKdXp3QCFk7dRDZnbd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 2 mar. 22.

BLUMER, H. **Symbolic Interactionism: perspective and method**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1969.

BRASIL, República Federativa do. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm#art44>. Acesso em: 19 jul. 21.



RELISE

BUENO, Samira et al. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. Infográfico. ISBN 978-65-89596-08-0.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Relatório: **O poder judiciário no enfrentamento à violência doméstica e familiar contra as mulheres**. 2019. Disponível em: <bibliotecadigital.cnj.jus.br/xmlui/handle/123456789/377>. Acesso em 27 set. 24.

FERREIRA, Helder Rogério Sant'Ana, MARCIAL, Elaine Coutinho. **Violência e Segurança Pública em 2023 em cenários exploratórios e planejamento prospectivo**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia>. Acesso em 28 fev. 24.

FERREIRA, Jane Mendes. **A ação da mulher empreendedora sob a perspectiva sócio-histórica de González Rey**. Tese de Doutorado. Universidade Positivo. Curitiba, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.cruzeirosul.edu.br/jspui/handle/123456789/2784>>. Acesso em: 10 fev. 23.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Nota técnica**. 2020. Disponível em: forumseguranca.org.br. Acesso em 28/02/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACHADO, Juliana Costa, SANTOS, Charles Souza; GOMES, Antônio Marcos Tosoli. **Estrutura de pensamento social de agentes comunitárias de saúde sobre violência doméstica contra a mulher**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 28, n. 6, p. 1663–1673, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1413-81232023286.14592022>, acesso em 28 de fev de 2024.

MATTOS, Leonardo. et al Coletânea [livro eletrônico]: **Segurança pública e violência contra a mulher**. São Paulo: Arche, 2023.

MENEGHEL, Stela Nazareth; MUELLER, Betânia; COLLAZIOL, Marcell Emer; QUADROS, Maíra Meneghel de. **Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência de gênero**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(3):691-700, 2013.



RELISE

35

MOMM, Sandra, TERRA, Maria Fernanda; TRAVASSOS, Luciana. **Violência de gênero e o campo do planejamento e estudos territoriais: um retrato sobre a violência contra as mulheres no município de São Paulo durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19.** Revista Brasileira de Gestão Urbana, v. 15, p. e20210384, 2023.

OUEDRAOGO, Rasmane, STENZEL, David. **The Heavy Economic Toll of Gender-based Violence: Evidence from Sub-Saharan Africa.** International Monetary Fund. Working paper, 21/277. 2021.

PASINATO, Wânia. Acesso à justiça e violência doméstica e familiar contra as mulheres: as percepções dos operadores jurídicos e os limites para a aplicação da Lei Maria da Penha. **Revista Direito GV**, v. 11, n. 2, p. 407–428, 2015.

PEREIRA, Malila Natascha da Costa; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa. **A Violência Doméstica Contra A Mulher.** Espaço do Currículo, v.4, n.1, pp. 22-34, Março a Setembro de 2011. Disponível em: <<https://periodicos3.ufpb.br/index.php/rec/article/view/10540/5827>>. Acesso em: 2 mar. 22.

PIOSIADLO, Laura Christina Macedo, FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; GESSNER, Rafaela. **Subalternidade de gênero: refletindo sobre a vulnerabilidade para violência doméstica contra a mulher.** Escola Anna Nery, v. 18, n. 4, p. 728–733, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/1414-8145.20140104>>. Acesso em: 27 set. 24.

POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ. **Relatório interno: pesquisa da Patrulha Maria da Penha com vítimas de violência doméstica, 2021.** São José dos Pinhais: Polícia Militar do Paraná, 6º CRPM, 2021.

SANEMATSU, M. Por que precisamos falar sobre a violência contra a mulher?. In: Instituto Patrícia Galvão (Org.). **Violência doméstica e familiar contra a mulher – Um problema de toda a sociedade.** São Paulo: Paulinas, 2019.

SHAHRIARA, Abu Zafar M.; SHEPHERD, Dean A. **Violence against women and new venture initiation with microcredit: Self-efficacy, fear of failure, and disaster experiences.** Journal of Business Venturing 34 (2019) 105945. Disponível em: <www.elsevier.com/locate/jbusvent>. Acesso em 24 mar. 22.

SIGNORELLI, Marcos Claudio; AUAD, Daniela; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Violência doméstica contra mulheres e a atuação profissional na atenção primária à saúde: um estudo etnográfico em Matinhos, Paraná, Brasil.** Cad.



RELISE

Saúde Pública, Rio de Janeiro, 29(6):1230-1240, jun, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/dSNqzct3nLL4Mdxp5ZPnV5h/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 2 mar. 22.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Nomi Cucurullo de. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.11, n.21, p.93-103, jan/abr 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/9SG5zGMVt4VFDZtzbX97MkP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 5 abr. 22.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo; SANTANA, Flávia Resende Moura Santana; MARTINS, Thais Ferreira Martins. **Violência contra a mulher, polícia civil e políticas públicas**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 13,n.4, São João del Rei, outubro-dezembro de 2018. e1619. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v13n4/03.pdf>>. Acesso em: 27 set. 24.

STOCHERO, Luciane, PINTO, Liana Wernersbach. **Violência contra as mulheres que vivem em contextos rurais: uma revisão integrativa**. Saúde e Sociedade [online]. v. 32, n. 3, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902023210595pt>>. Acesso em 28 fev. 24.